

## Alterações phoneticas

Assim se chamam as mudanças que occasionalmente soffrem os phonemas em certas palavras ou combinações de palavras.

Devem-se essas mudanças á necessidade sentida, quer presentemente quer em outros tempos, de facilitar a pronuncia.

Das que se originaram no passado, muitas se continuam a manter pela tradição, pela lei da inercia. Outras novas do mesmo genero se introduzem na linguagem pela lei da analogia.

As alterações phoneticas podem consistir em accrescentamento ou suppressão de phonemas, em troca de lugar, em permuta de sons, em nasalisação ou desnasalisação, em sonorisação de phonemas surdos, em ditongação, palatisação, labiálisação, etc.

Verificaram-se estes varios phenomenos sobretudo ao transformar-se o latim vulgar em linguas romanicas. Da maior parte delles só podemos hoje ter idéa comparando o portuguez com o latim, ou as diversas linguas romanicas com o latim.

Assignalaremos aqui as principaes alterações que se observam no falar hoje corrente:

### a) ACCRESCENTAMENTO:

**Prothese**, accrescenta no principio das palavras: *alevantar* por *levantar*; *arrecear* em vez de *recear*; *avexar* por *vexar*. Certas palavras com *a* prothetico que se observam no falar lusitano são proprias da gente inculta, como *arreceber*, etc. Em outros vocabulos provêm o *a* do artigo arabe que se juntou a nome igualmente de origem arabe *arrecife* (de *ar-recif* em vez de *al-recif*), etc.

**Epenthese**, insere phonema no interior da palavra. Tal é o caso das vogaes *e* ou *i* que muitas pessoas proferem para separar combinações consonantae de pronuncia difficil como: *dv*, *dm*, *bs*, etc.: *adevogado* por *advogado*, *adimittir* por *admittir*, *abesolutamente* por *absolutamente*. Em todo o caso, este phonema parasita nunca se escreve. A desunião de duas consoantes por meio de uma vogal dá-se tambem o nome de *suarabacti*.

**Paragoge**, ajunta phonema no fim do vocabulo. Palavras estrangeiras terminadas em certas consoantes são incompativeis com os nossos habitos de pronuncia. Introduzidas em nosso idioma, soam geralmente com o accrescimento de *e*. Dizemos *bonde* por *bond*, etc.

### b) SUPPRESSÃO :

**Apherese**, elimina no principio da palavra: *inda* por *ainda*, *té* por *até*.

**Syncope**, supprime no interior do vocabulo: *cuidoso* por *cuidadoso*, *mór* por *maior*.

**Apocope**, supprime no fim das palavras: *mui* por *muito*, *grã* e *grão* por *grande*.

Uma variedade da apocope é a *synalepha*, a qual consiste em eliminar a ultima vogal e ligar ao termo seguinte o vocabulo assim reduzido, de modo que pareça um vocabulo só. Na escripta faz-se a combinação ora com apostropho, ora sem elle: *m'o* por *me o*, *t'o* por *te o*, *lh'o* por *lhe o*, *do* por *de o*, *outr'ora* por *outra hora*, etc.

### c) METATHESE :

Assim se chama o facto de dous ou mais phonemas trocarem de lugar: *capitaina* por *capitanea*, *esfaimado* por *esfameado*, forma antiga de *esfomeado*.

### d) SUBSTITUIÇÃO :

É a troca de um phonema por outro: *frauta* a par de *flauta*, *frecha* a par de *flecha*.

### e) CRASE :

Consiste na fusão de duas vogaes medias em vogal aberta; ex.: *ir á cidade* por *ir a a cidade*.

## f) ALTERNANCIA VOCALICA (metaphonia):

Observa-se este facto no emprego de vogal tónica ora fechada, ora aberta, determinada pelas vogaes *o*, *a*, e da syllaba seguinte: *porto*, *porta*, *bolo*, *boto*, *bola*, *bota*, *bole*, *dote*, *morte*, *sorte*, *forte*, *trevo*, *neve*, *trevas*, etc.

## g) ASSIMILAÇÃO:

Consiste em igualar ou na tendencia para igualar dous sons, geralmente vizinhos, quer modelando o primeiro pelo segundo, e neste caso a assimilação será *regressiva*, quer conformando o segundo com o primeiro, dando-se então a assimilação *progressiva*.

O caso mais commum é o da assimilação regressiva: *il-letrado* por *in-letrado*, *il-licito* por *in-licito*.

Diz-se que a assimilação é *parcial* quando não chega a identificar os dous sons. Exemplo disso é a sonorisação dos phonemas *s* e *x* determinada regressivamente por outra consoante sonora. Assim, as palavras *resguardo*, *passar*, *losna* são pronunciadas *rejguardar* ou *rezguardar*, *pajmar* ou *pazmar*, *lojna* ou *lozna*, ao passo que *estudo*, *espaço*, *vestido*, *este* soam como *extudu* ou *estudu*, *expaçu* ou *espaçu*, *vextidu* ou *vestidu*, *exte* ou *este*.

Esta mesma assimilação parcial se observa igualmente em *s* final quando a palavra seguinte começa por uma consoante sonora. As expressões *os dedas*, *as guardas*, *livros novos*, *cabellos brancos*, *grandes mares* soam *uj-dedus*, *aj-guardas*, *livruj-novus*, *cabeluj-brancus*, *grandij-maris* ou respectivamente *uz-dedus*, *az-guardas*, etc. Sonorisa-se também a sibilante final quando a palavra immediata começa por vogal, e neste caso damos-lhe, em pronuncia brasileira, sempre o valor de *z*: *as artes*, *os ovos*, *grandes obras*, *duas ilhas* soam como *az-artis*, *uz-ovus*, *grãndiz-obras*, *duaz-ilhas*.

OBSERVAÇÃO. — A pronuncia nitida de sibilante dental antes de outra consoante é tida na capital do paiz como linguagem affectada. Pronunciamos aqui geralmente *exti*, *vextidu*, e não *ecti*, *vectidu*.

## h) QUEDA CONSECUTIVA A' ASSIMILAÇÃO TOTAL:

Quando uma consoante se torna perfeitamente igual a outra contigua, obtem-se uma consoante geminada, isto

é, uma consoante unica articulada com mais demora. Esta pronuncia primitiva não subsiste mais em portuguez.

O resultado final é a *queda* de uma consoante. A geminada antiga soa como consoante simples. Pronunciamos *i-legal*, *i-letrado*, e não *il-legal*, *il-letrado*.

i) DISSIMILAÇÃO :

É o phenomeno contrario da assimilação. A lingua-gem procura desfazer a identidade de sons. Observa-se o caso na pronuncia lusitana: *menistro* por *ministro*, *vezi-nho* por *vizinho*.

# ORTHOGRAPHIA

## AS VOGAES

### Vogaes simples (puras)

Empregam-se as letras **a, e, i, o, u**, geralmente de accordo com a pronuncia.

Como terminação atona usa-se por via de regra **-e, -o, -es, os** (e não **-i, -u, -is, -us**), exceptuando *quasi, lapis, oasis, Venus* e poucos vocabulos mais. Assim escrevemos: *ave, crase, bello, pires, simples, plenos, base, bases*, etc.

As palavras *igual, idade* (e derivados *igualdade, igualar, idoso*) e *igreja* pronunciam-se com **i** inicial e devem-se escrever com esta letra segundo costume antigo respeitado por João de Barros, Camões, Vieira, Bernardes, Herculano e outros.

Emprega-se **y** em lugar de **i** em vocabulos de origem grega (*gymnasio, typo, physica*, etc.), bem como nos de origem tupy (*Avahy, Jacarehy, Pirahy*, etc.)

### Vogaes nasaes

As vogaes **e, i, o, u**, sendo nasaes, representam-se, não com um til sobreposto, como antigamente se fazia, mas sim acompanhadas de **m** ou **n**. Escreve-se **em, im, om, um** no fim dos vocabulos e tambem antes das bilabiaes (**b, p, m**); usa-se **en, in, on, un**, antes de consoante que não seja bilabial: *tem, refem, ovem, mugem, imagem, bom, tens, refens, ovens, mugens, imagens, bondade, jardim, algum, commum, som, honra, pinça, jardins, alguns, commummente, sons*, etc.

Como excepções a esta regra grapham-se com a terminação **-en**, em vez de **-em**, os vocabulos seguintes: *certamen, regimen, germen, lichen, dolmen, tentamen, dictamen*.

OBSERVAÇÃO. — Posto que se escreva **bens**, a par de **bem**, conserva-se todavia inalterada a forma **bem** nos compostos *bemdito, bemquerer, bemquisto*, etc.

A pratica antiga do emprego de til sobrevive na representação da nasal **ã** no fim das palavras ou seguida do signal de plural **s**; mas ao mesmo tempo que se usa **-ã**, **-ãs** para a maioria dos vocabulos, alguns ha que se escrevem sempre com **-an**, **-ans**:

1.º *irmã, irmãs, maçã, maçãs, lã, christã, christãs, amanhã, aldeã*, etc.

2.º *divan, Pan, Chanaan, Satan, talisman, Astrakan, iman*, etc.

OBSERVAÇÃO. — Alexandre Herculano e outros escriptores, e bem assim alguns dictionarios, como o de Aulete, preferem uniformisar a escripta empregando a terminação **-an**, **-ans** indistintamente para qualquer vocabulo: *irman, maçan, talisman, irmans, maçans, talismans*, etc.

## Os ditongos *ai, ãi, ei*

Representa-se por via de regra com a letra **i** (e não **e**) a segunda vogal destes ditongos. Exemplos: *ai, saraiva, baile, mais, amai, pai, mãe, cãibra, andai, rogais, rei, grei, madeira*, etc.

No plural de palavras em **-al** e **-ão** escreve-se todavia com **e** **-aes**, **-ães** para ficar patente o suffixo **-es** formador do plural: *iguaes, taes, quaes, cães, páes, escrivães, canaes, rivaes*, etc.

Esta consideração quanto ao plural não prevalece entretanto para os nomes em **-el**. Aqui evita-se a desagradavel duplicação de **e** escrevendo **-eis** em lugar de **-ees**: *aneis, papeis, bureis, cordeis, bateis, toneis, crueis*, etc.

## Os ditongos *au, eu, éu, iu*

Sempre que estas combinações de vogaes soarem como verdadeiros ditongos decrescentes, figuraremos a segunda

vogal com a letra **u** (e não **o**). Exemplos: *aura, jaula, arauto, flauta, mau, grau, pau, paulada, eu, meu, europeu, lyceu, museu, escreveu, vendeu, chapéu, céu, mastaréu, véu, viu, fugiu, surgiu, elle riu* (compare-se com a pronuncia destes ultimos exemplos a de *eu rio* e dos nomes *o rio, navio, pavio*), etc.

### Os ditongos **oi, oe, ãe**

Com **oi** no fim das palavras ou no meio seguido de **o** ou de consoante, representa-se um ditongo em que **o** soa como vogal fechada. Exemplos: *boi, foi, joio, moio, pois, goivo, noivo, coitado, sois*, etc.

Se a **oi** se seguir a vogal **a**, a tónica tem geralmente o valor de vogal aberta: *boia, giboiã, joia, tipoia, Saboia, tramoia*, etc.

São excepções *saloia* (que se pronuncia com **o** fechado), *comboio* (com vogal tónica aberta) e os seguintes nomes escriptos com **oy** (por **oi**) com **o** aberto: *Niteroy, Eloy*.

Com **oe** representa-se **o** aberto quer da palavra *heroe*, quer do ditongo resultante da junção de vogal thematic com **e** de um suffixo. Exemplos: *lençoes, anzoes, rouxinoes, soes, paioes, destroes, destroe, roes, roe, moes, moe, doe*, etc.

O ditongo **ãe** escreve-se de um só modo e a nasal soa sempre como vogal fechada: *cordões, acções, pões, põe, Camões*, etc.

### Os ditongos **ou e oi**

Distinguimos na escripta estes dous ditongos regulando-nos pela pronuncia usual no Brasil, a qual para os vocabulos antigos pouquissimo differe da tradição litteraria portugueza.

Segundo este criterio escrevemos **ou** (e não **oi**) sempre antes de **r** e as mais das vezes antes de outra consoante: *ouro, louro, thesouro, touro, vassoura, bezouro, agouro, tesoura, couro, couraça, couraçado, logradouro, be-*

bedouro, ceroula, papoula, lousa, pouso, pousar, repouso, repousar, Sousa, louça, bouça, arcabouço, toucinho, alcouce, couce, fouce, trouxe, trouxa, frouxo, pouco, rouco, touca, açougue, azougue, douto, doutor, outro, souto, outono, couve, aprouve, ouvir, louvar, houve, etc.

Escrevemos com **oi**: *noite, noitibó, oiti, coivara, oito* (e derivados *dezoito, oitavo, oitenta*), *pois, depois, coitado, goivo, noivo*, etc.

Indifferentemente com **ou** ou **oi**: *dous ou dois, cousa ou coisa*.

OBSERVAÇÃO. — Os vocabulos *ouro, louro, thesouro, touro, pou-sar, couce* e outros como estes, em que o ditongo procede do latim *au* ou *al*, occorrem na maior parte frequentissimos na literatura portugueza e escriptos invariavelmente com *u* desde os mais antigos tempos até o seculo XIX, em que surgiu a moda, adoptada sómente por alguns escriptores, de os representar com *oi*. Apareceu assim na linguagem escripta figurada a pronuncia não de Portugal, mas de certa região do paiz.

## As terminações *-éa* e *-eia* (*-eio*)

Qualquer destas formas tem o accento tonico na vogal *e*, usando-se:

1) *-éa* se a vogal dominante for aberta: *idéa, epopéa, Judéa, hebréa, européa, platéa*, etc.

2) *-eia* (*-eio*) se a vogal tonica for fechada: *areia, baleia, cadeia, ceia, sereia, meia, veia, correia, cheio, meio, passeio, seio, veio, correio, rodeio, centeio*, etc.

Nos derivados e nas formas verbaes em que o accento tonico se deslocar da vogal *e* para o suffixo, supprime-se o signal graphico (accento agudo) de *-éa*, assim como a letra *i* de *-eia* (*-eio*): *ideal, ideou, idealisar, areal, areento, cadeado, penteado, passeamos, passou, passear, enseada, cear, ceamos*, etc.

Esta regra soffre, comtudo, restricção quanto aos derivados em *-eiro, -eira*, e raros casos mais, em que a graphia é regulada tão sómente pela pronuncia. Assim distinguimos *meeiro* (que divide ao meio) de *meieiro* (fabricante de meias), e escrevemos *meada* (fio dobrado) ao



lado de *meialo* (parte media), *veiado* (formado de veios) cuja pronuncia differa de *veado* (animal).

Por outro lado, em *candieiro* por *candeeiro* (de *candeia*), *bolieiro* (de *boléa*), *balieira* (de *baleia*) e outros, ouve-se um *i* bem claro exactamente como nos vocabulos *pardieiro*, *amieiro*, *macieira*, *cumieira*.

## o ditongo ão e sua graphia

Representa-se naturalmente com *-ão*, sobrepondo um til á vogal nasal. É graphia propria de vocabulos como os seguintes: *pão*, *mão*, *coração*, *orção*, *accordão*, *sotão*, *são*, *estão*, *vão*, *dão*, etc.

A terminação *-ão* é substituida por *-am* unicamente quando se tenha de indicar um **suffixo verbal atono**: *amam*, *amavam*, *amaram*, *amariam*, *receberam*, *receberiam*, *fugiram*, *serviram*, etc.

OBSERVAÇÃO. — A necessidade de differencar do futuro (oxytono) o preterito perfeito (paroxytono) da 3.<sup>a</sup> pessoa do plural deu lugar a recorrer-se ao expediente de fixar definitivamente com a graphia *-am* a forma verbal não accentuada, e para haver certa uniformidade na escripta, tornou-se extensivo a todas as demais terminações atonas do plural da 3.<sup>a</sup> pessoa o emprego de *-am* por *-ão*. Aos substantivos *orgão*, *orção*, etc., é naturalmente desnecessario applicar semelhante expediente orthographico.

## A letra h

A letra *h* não representa phonema proprio de nosso idioma; mas emprega-se ou combinada com outra letra consonantal ou simplesmente junto a uma vogal.

As combinações *lh*, *nh*, como nas palavras *melhor*, *banhar*, servem para denotar phonemas simples para os quaes ha falta de symbolos no alphabeto.

A combinação *ch* denota a chiante surda, como nas palavras *chama*, *brecha*, e tambem a oclusiva *c* (valor de *k*) em vocabulos de origem grega: *Christo*, *christão*, *chimica*, *machina*, etc.

*ph* equivale a *f*, e *th* a *t* e só têm applicação em termos de origem grega: *philosophia*, *bibliophilo*, *theorem*, etc.

Junto a vogal, usa-se a letra **h** geralmente para respeitar a etymologia latina ou grega de certos vocabulos: *homem, herdeiro, honra, hora, hygiene, hydraulica, cohibir, cohorte*, etc.

O verbo *haver*, entretanto, quando posposto e unido a infinitivo para formar o futuro e o chamado condicional, perde o **h**: *amarei, mandará, venderia* (por *amarhei, mandarha, venderia*), etc. e coherentemente *amar-te-ei, mandar-lhe-á, vender-te-ia*, etc.

Empregado isoladamente, o verbo *haver* conserva o **h** em todas as suas formas (ao contrario do francez *avoir*, do italiano *abbiamo*, etc.).

A letra **h** usa-se, ás vezes, como expediente orthographico entre duas vogaes para mostrar que não constituem ditongo. Assim evitamos a homographia entre *ai, baia, saia, caia, distraia* e *ahi, bahia, sahia, cahia, distrahia*.

Os verbos que deram lugar aos tres ultimos exemplos escrevem-se, por uniformidade, com **h** em todas as formas com accento na terminação: *cahir, sahir, attrahir, cahindo, sahido, cahistes, cahiram*, etc., omittindo-se o **h** quando a accentuação estiver no radical: *eu caio, saio*, etc.

Igual expediente orthographico usamos para mostrar que não ha ditongo no vocabulo *bahu*, em numerosos termos brasileiros, como: *Macahé, Jahó, Grajahu*, e principalmente nos que acabam em *ahy, ehy, uhy*: *Pirahy, Parahyba, Parnahyba, Andarahy, Itajahy, Imbuhy, Suruhy, Assahy, Jacarehy*, etc.

Não se separam, entretanto, as vogaes por meio de **h** nas palavras que acabam em **-aude, -audo**: *saude, alaude, ataude, graudo, espadaudo*, etc.

A letra **h** emprega-se finalmente nas interjeições *hein! han! hum! oh! ih! ah!*

## Os accentos

O accento agudo (em vogal aberta) e o circumflexo (em vogal fechada) indicam tonicidade e empregam-se nos casos seguintes:

1.º o agudo ou o circumflexo, conforme o caso, nas letras *a*, *e*, *o* quando tónicas finais ou tónicas seguidas de *s* final: *dá*, *dás*, *manacá*, *fubá*, *José*, *galé*, *mercê*, *cré*, *crês*, *nó*, *nós*, *avó*, *trenós*, *dominó*, *portaló*, etc.

2.º o accento agudo em *á*, *ás*, *áquelle* (contractão da particula *a* com o artigo feminino ou o demonstrativo); na desinencia *-ámos* (do plural da 1.ª pessoa no perfeito do indicativo); em *pára* (do verbo *parar*), em *désse* (do verbo *dar*); e nas terminações *-éa* (*idéa*, *judéa*, etc.) e *-éu* (*céu*, *véu*, etc.).

3.º o accento circumflexo nas palavras que finalizam em *-óo* (*vóo*, *escóo*, *enjóo*, etc.); no infinitivo do verbo *pór*, no plural da 3.ª pessoa correspondente ao singular *-ê*: *crê*, *crêem*, *lê*, *lêem*, *dê*, *dêem*, *vê*, *vêem*, etc.

Servem tambem os accentos para differençar, ás vezes, um vocabulo de outro, quando ambos pertençam á mesma categoria grammatical e tenham pronuncia differente, ou tambem para distinguir formas grammaticaes homonymas.

Estão no primeiro caso os substantivos: *côrte*, ao lado de *corte* (nome masculino, do verbo *cortar*); *séde* (assento, centro) ao lado de *sede* (appetite para beber); *cór* (na locução *de cór*; *saber* ou *dizer de cór*) ao lado de *cor* (coloração); *fôrma*, ao lado de *forma* (feitio), etc.

Na segunda hypothese estão as formas do verbo *ter*, *elle tem* e *elles têm*; e do verbo *vir*, *elle vem*, *elles vêm*. A mesma distincção graphica estende-se aos compostos de *ter* e *vir*, cumprindo notar que os verbos *conter* e *provir* requerem, além disso, um accento agudo na 3.ª pessoa do singular (*contém*, *provém*) afim de que não se confundam com formas do conjuntivo de *contar* e *provar* (*que elles contem*, *provem*).

ACCENTUAÇÃO SUPERFLUA. — Nenhuma necessidade ha de accentuar, além de *côrte* e *fôrma*, quaesquer vocabulos que terminem em *-orte*, *-orma*, *-orme*, *-ote*, que se hão de pronunciar sempre com o aberto: *norte*, *porte*, *sorte*, *corte*, *cohorte*, *norma*, *reforma*, *informa*, *plataforma*, *forma*, *informe*, *conforme*, *dorme*, *enorme*, *chicote*, *dote*, *bote*, *mote*, *magote*, *caixote*, *pote*, *trote*, *sacerdote*, etc.

Desnecessario é accentuar a terminação **-or**; os innumerables vocabulos assim terminados pronunciam-se todos com o fechado, exceptuando apenas: *maior* (*mor*), *menor*, *melhor*, *peior*, *major*, *redor*, *arredor*, *derredor*, *mogor*, e o vocabulo *cór* (na expressão *de cór*), sendo este o unico que, para differencar de *cor* (coloração), representamos com accento agudo.

Distinguimos tambem *pôr* (verbo) de *por* (particula).

Segundo esta regra escrevemos sem accento algum: *dor*, *flor*, *amor*, *açor*, *andor*, *calor*, *furor*, *cantor*, *favor*, *horror*, *humor*, *pavor*, *sabor*, *louvor*, *tremor*, *esplendor*, *temor*, *traidor*, *penhor*, *pintor*, *rigor*, *rancor*, *terror*, *pastor*, *rumor*, *vapor*, *tumor*, *comprador*, *vendedor*, *confessor*, *fiador*, *eleitor*, *caçador*, *jogador*, *pescador*, *salvador*, *voador*, etc.

O facto de dous ou mais vocabulos differentes serem pronunciados e escriptos de uma só maneira, raras vezes pode dar lugar á confusão. Pelo contexto vê-se logo se se trata de verbo ou de substantivo no emprego das palavras *canto*, *fala*, *berro*, *morro*, *invento*, *grito*, *caso*, *easa*, e innumerables outras.

Tambem não resulta o minimo embaraço da homonymia de *são* (verbo) e *são* (adjectivo), de *como* (verbo) e *como* (adverbio ou conjunção).

Os vocabulos exdrixulos tambem dispensam a accentuação graphica systematica: uns — e estes constituem a grande maioria — por serem termos vulgares de pronuncia bastante sabida, como: *epoca*, *lampada*, *imperio*, *canario*, *mysterio*, *exclamatorio*, etc., outros, porque, para dissipar as raras duvidas que de vez em quando possam suggerir, basta consultar qualquer dictionario prosodico.

## AS CONSOANTES

### As consoantes em geral

Nenhuma difficuldade offerece a representação dos phonemas oclusivos e das consoantes **m**, **n**, **l**, **f**, **v**, salvo os casos em que, attendendo á etymologia, se dobram as letras inutilmente (*pp*, *tt*, *dd*, *mm*, *cc*, etc.) ou se jun-

tam ás letras designativas dos phonemas outras letras differentes e de valor nullo (como **p** e **c** junto a dental em *escripto*, *afflicto*), ou finalmente se emprega **ch** em lugar de **c** ou **qu** (como em *chimica*, *machina*), e **ph** em vez de **f** (*philosophia*, *sophisma*).

Não conhecendo o estudante sufficientemente o latim e o grego, é claro que aprenderá a escrever taes vocabulos com a pratica, vendo-os assim escriptos a cada passo ou seguindo o conselho de professor ou dictionario.

As letras **c** e **g**, como é sabido, têm, na escripta commum, valor de phonemas oclusivos quando se acham antes de consoante ou antes de **a**, **o**, **u**: (*caco*, *cravo*, *gago*, *grito*, etc.).

Seguidas immediatamente de **e**, **i** (**y**), representam a letra **c** a sibilante surda e a letra **g** a chiante sonora (*cedo*, *cima*, *gelo*, *gil*, *gymnasio*, etc.).

Restabelece-se o phonema oclusivo, escrevendo **qu** e **gu** antes de **e**, **i** (*querer*, *quiz*, *guerra*, *manguito*, etc.).

### As letras **s** e **z** no principio, no meio (junto a consoante) e no fim das palavras

No começo das palavras a letra **s** representa sempre o som sibilante surdo [s], e a letra **z** sempre o som sibilante sonoro [z]:

- 1.º *sala*, *sello*, *som*, *sino*, *sopro*, *semana*, *surra*, etc.
- 2.º *zanga*, *zelo*, *zoada*, *zumbido*, *zona*, *zombar*, etc.

No meio dos vocabulos persiste a mesma differença entre as duas letras, tendo cada qual o seu valor definido, desde que **s** ou **z** venha entre consoante (graphica) e vogal:

- 1.º *valsa*, *verso*, *manso*, *urso*, *curso*, etc.
- 2.º *quinze*, *senzala*, *urze*, *varzea*, etc.

Exceptuam-se da precedente regra **obsequio** e compostos de **trans** (*transitar*, *transacção*, etc.), em que **s** se pronuncia como **z**.

Escreve-se unicamente **s**, e nunca **z**, antes de outra consoante; mas a pronuncia de **s** neste caso será ora surda, ora sonora, conforme for surda ou sonora a consoante immediata: *festa, casta, cesto, lascar, bispo, risco, bisturi, mascara, pasmo, asno, resma, rasgar, bisnaga, Lisboa, losna*, etc.

No fim dos vocabulos escreve-se **s**, e não **z**, sempre que se tratar de suffixo do plural, ou de desinencia pessoal de 2.<sup>a</sup> pessoa, como nestes exemplos: *canetas, mesas, pés, trenós, chaves, pedras, dás, crês, vês, conduzis, mandastes, queres, podes*.

Excluidas estas duas hypotheses, a orthographia da sibilante final é determinada pela pronuncia da vogal que a precede:

1.<sup>o</sup> Se a vogal precedente é tónica, escreve-se **z**: *paz, paiz, nariz, audaz, timidez, Marquez, luz, francez, cortex, foz, imperatriz*.

Exceptuam-se: os pronomes *nós, vós*, os vocabulos *tres, aliás, bis, cris, gris, cós, jus, pus* (substantivo), *mas, cis*, e alguns nomes proprios como *Jesus, Moysés*.

2.<sup>o</sup> Se a vogal que precede á sibilante é atona ou faz parte de um ditongo decrescente escrevemos **s**: *lapis, pires, Marques, Venus, oasis, iris, cutis, pois, dous, mais, Deus, Goes, Paris* (nome da mythologia grega), *Ceres*, etc.

## A sibilante surda (s) inicial

A sibilante surda no principio dos vocabulos representa-se geralmente por **s**, algumas vezes por **c** (e raramente por **sc**).

Antes de **a**, **o**, **u** esta consoante inicial é sempre representada pela letra **s**:

safra	sapato	saracura	Sorocaba
sagu	samburá	sarampo	sotaina
samambaia	sapo	safa	sujo
sanefa	sapucaia	sopa	Suruhy.

Tambem empregamos a mesma letra inicial na maioria dos casos antes de **e**, **i** (**y**): *se, seda, seguir, seguro*,

*sempre, sereia, servir, sentir, separar, sentinela, serafim, serralho, serrote* (de serra), *serrar, sertão, Setubal, seita, sevandija, silencio, silva, sitio, simples, sinistro, São, Siberia, Syria, Sicilia* (nome de ilha), etc.

Acompanham esta tendencia geral os nomes brasileiros: *Sergipe, senzala, seriema, Sicupira, Sinimbu, Sincorá, siri, Sepetiba, sernambi*, etc.

Exceptuam-se: *Ceará* (unico exemplo de nome geographico brasileiro), *cica, cipó*.

Escrevemos c inicial antes de e, i (y):

a) em varias palavras oriundas do latim (ou grego), especialmente para imitar, neste ponto, a escripta ou a transcripção latina, como nos seguintes exemplos: *cebola, ceder, cedo, cego, cegonha, cerca, ceia, celebre, cem, centro, cera, cereja, certo, cerveja, cerviz, Cesar, Cecilia* (nome de pessoa), *cessar, céu, cidade, cima, cinco, cinta, circulo, civil, Cypriano, cyclo, cinema*, etc.

b) nos poucos vocabulos seguintes sem que prevaleça a mesma razão etymologica: *cecem, cedilha, ceifar, ceira, ceitil, cenoura, centeio, ceroula, cevada, cicio, cifra, cigano, cigarro, cimba, cimitarra, cirandar, cerrar* (no sentido de fechar, unir, tornar compacto), *cerração* (neblina densa), *cerrado* (matto espesso), e os supracitados vocabulos brasileiros *Ceará, cica, cipó*.

Se antes de e, i (y), é usado em portuguez, e só por preocupação etymologica, nas seguintes palavras e affins respectivos: *scelerado, scena, sceptico, sceptro, sciatico, sciencia, scintillar* (porém *centelha*), *sciographia, scisma, scisão, scissura, Scylla*.

Os principios que acabamos de estabelecer prevalecem geralmente para a sibilante surda inicial quando dos mencionados vocabulos se formam outros por meio de prefixação. Assim escrevemos *conseguir, proseguir, consentir*, etc. (por causa de *seguir, sentir*, etc.); *incivil, decifrar, encerrar*, etc. (por causa de *civil, cifra, cerrar*, etc.).

OBSERVAÇÃO. -- Em desaccordo com a regra de pronuncia bem conhecida, o simples s entre vogaes soa como ss em *prosequir, resentir, resupino, resalto, resalva, resoar, asepsia, asymetria, asyndeton*, etc.

## A sibilante surda (s) medial

As mesmas duas letras do alphabeto que podem indicar a sibilante surda no começo das palavras, também servem para represental-a quando medial. Apenas em raros exemplos, e só por influencia da escripta latina, empregamos x: *defluxo*, *proximo*, etc.

As condições do emprego dos symbolos s e c no começo dos vocabulos não prevalecem, comtudo, quando se trata de som medial.

A letra s (ou ss entre vogaes) é aqui mero symbolo de graphia imitativa, quer de lingua classica, quer de lingua moderna, ao passo que se escreve c (ou ç antes de a, o, u) na maioria dos casos e principalmente nos vocabulos isentos da influencia orthographica de outro idioma.

Exemplos do emprego de c ou ç:

### a) INTERVOCALICO:

aço	caçar	tropeço	dentuça
açougue	alface	adriça	palhaço
açoute	baço	içar	coçar
açor	buço	enguicho	louça
açude	peça	moço	retouçar
açular	eça	tremoço	cachaça
caçula	adereço	choça	chalaça
jaça	começo	roça	castiçal
taça	pecego	chuço	ricaço
caça	almoço	soluço	chouriço.

### b) POSTCONSONANTAL:

alçar	lenço	orçamento	ronceiro
alçapão	lençol	garço	camurça
calçar	monção	garça	vasconço
alcançar	pinça	disfarçar	jagunço
balança	inçar	disfarce	junça
fiança	cadarço	alicerce	constancia
trança	farça	terçol	doença.
criança	força	berço	
sentença	corça	onça	
ancinho	orçar	geringonça	



## Exemplos de vocabulos brasileiros :

Iracema	maniçoba	guaraciaba	araçá
Tibiriçá	cacique	buricica	Caraçá.
Piracicaba	caçamba	araçari	

A antiga e natural graphia de alguns termos nossos, como *açu*, *guaçu*, acha-se todavia abandonada; prevalece hoje a transcripção estrangeira da sibilante intervocalica em *assu*, *quassu* (*Iguassu*, *Paraguassu*), *assahy*, *Sussuhy*, etc.

## Uso de s e ss

Por influencia da orthographia de lingua estrangeira moderna :

a) nos termos: *bussola*, *fracasso*, *assucar*, *assassino*, *kermesse*, *valsa*, *hussaro*, *bossa*, etc.

b) nas denominações de certos artefactos ou productos vindos do estrangeiro: *cassa* (nome de tecido), *casineta*, *mosselina*, *potassa*, *Russo*, *quassia*, *passamanageria*, etc.

c) na maioria dos nomes proprios estrangeiros em que occorre a sibilante medial: *Russia*, *Prussia*, *Odessa*, *Mississippi*, *Suissa*, *Bassorá*, *Kissingen*, *Lhassa*, etc.

Mais numerosos são os exemplos de graphia imitativa do latim ou do grego: *posse*, *posseço*, *nosso*, *vosso*, *osso*, *grosso*, *crasso*, *colosso*, *tosse*, *hyssope*, *concusso*, *manso* (e affins), *trans*, *denso*, *censo*, *senso*, *tenso* (e affins), *immenso*, *dimensão*, *commensal*, *mensal*, etc.

Para alguns casos podem servir as seguintes regras praticas :

a) Escrevem-se com s os grupos radicaes pens- (*pensão*, *pensar*, *suspensão*), -fens- (*offensa*, *defensiva*), prens- e prehens- (*prensa*, *imprensa*, *compreensão*), tons- spon- (*tonsura*, *responsavel*, *esponsaes*) e a terminação -ense (*forense*, *fluminense*, *cearense*).

b) Escreve-se geralmente ss entre e e nova vogal: *esse*, *interesse*, *promessa*, *remessa*, *gesso*, *pessimo*, *pressa*,

*expresso, congresso, aggressão confesso, professo, cessar, excesso, successo, travesso, avesso, atravessar.*

Exceptuam-se desta regra os verbos em *ecer, escer*, (*conhecer, descer*, etc.) e mais as seguintes palavras: *cabeça, eça, adereço, preço, prece, peço, peça, meço, começo, codeço, tropeço, pecego.*

c) Escreve-se com *ss* o radical *miss-*: *missa, missão, commissão, premissa, submisso, remisso*, etc.

Por influencia do vocabulo *missa* tambem se escreve *missanga*, que é de origem muito differente.

## A sibilante sonora (z) entre vogaes

**Regra geral.** — Em portuguez indicamos de ordinario este som pela letra *s*: *casa, vaso, lousa, repouso, formoso, guiso, brisa, divisa, precisar, camisa, riso, aviso, paraíso, pausa, uso, fuso, parafuso, rosa, grosa, tosar, peso, pesar, pisar, presa, prisão, prisioneiro, deposito*, etc.

Não se estende, evidentemente, esta regra aos derivados de vocabulos escriptos com *z* final. Assim, desde que graphamos *cruz, luz, paz, paiz*, escreveremos tambem: *cruzeiro, cruzar, luzir, luzidio, apaziguar, paizagem*, etc.

### Casos especiaes em que se escreve *z* (e não *s*)

1.º depois de *a-* inicial: *azeite, azia, azougue, azul, azinhavre, azenha, azeviche, azar, aza, azafama*, etc.

Exceptuam-se apenas: *asiló, Asia*, os derivados do latim *asinus* (*asinidade, asinino*, etc.) *aselho, asaro*, e a palavra antiquada *asinha*.

2.º depois da syllaba *ga*: *gazeta, gaze, gazua, gazeo, algazarra, gazela*, etc.

Excepção: *agasalho*.

3.º na terminação *eza*, se se tratar:

a) das palavras *Veneza* (e derivados *Venezuela*, *veneziana*), *fortaleza*, *natureza* e *turqueza*;

b) dos femininos de certos titulos: *baroneza*, *princeza*, *duqueza*, *marqueza*;

c) da forma feminina dos adjectivos (e substantivos) em *-ez*: *franceza*, *portugueza*, *burgueza*, *camponeza*, etc.;

d) de nomes abstractos derivados de adjectivos: *riqueza*, (de rico), *firmeza* (de firme), *pureza*, *fineza*, *limpeza*, *nobreza*, *franqueza*, *tristeza*, *belleza*, *clareza*, etc.

Por não estarem comprehendidos em nenhuma destas hypotheses, escreveremos de accordo com a regra geral: *mesa*, *defesa*, *devesa*, *toesa*, *proesa*, *despesa*, *presa*, *empresa*, *represa*, *framboesa*, *Theresa* e adjectivos *accessa*, *illesa*, *lesa*.

4.º em qualquer verbo da 2.ª ou 3.ª conjugação em que appareça o som [z] entre a vogal do radical e a terminação, exceptuando *coser* (costurar), portanto nos verbos, *fazer*, *prazer*, *jazer*, *dizer*, *cozer* (cozinhar), *conduzir*, *produzir*, etc., assim como nas formas *quiz*, *quizer*, *puzemos*, *puzestes* e outras formas dos verbos *querer* e *pôr*. Do mesmo modo que o competente verbo se escreve com *z* o substantivo *prazer*, e, analogamente, *lazer*.

5.º nos numeraes e affins de numeros: *doze*, *duzia*, *treze*, *duzentos*, *trezentos*, *dezena*, *dezoito*, *dizima*, *dezembro*, etc.

6.º em certos vocabulos scientificos, historicos, geographicos e outros, quer procedentes directamente do grego, quer atravez deste idioma vulgarizados, v. g. em *ozena*, *Lazaro*, *Nazareth*, *Amazonas*, *Byzancio*, etc.

Fora dos casos acima definidos existem esparsas em nosso idioma palavras que o uso representa systematicamente com *z* intervocalico e não com a letra *s* da regra geral. Taes vocabulos são em pequeno numero, a saber: *prazo*, *bazar*, *alcazar*, *alfazema*, *amizade* (e *inimizade*), *prezar* (e *desprezar*), *juízo*, *prejuízo*, *razão*, *armazem*, *vizinho*, *bizarro*, *bezerro*, *mazorra*, *mézinha* (= remedio), *vizir*, *buzina*, *buzio*.

Depois da vogal inicial e- escreve-se **x** (e não **s** nem **z**): *exame, exemplo, exuberante, exonerar, etc.*

Excepções: *esophago, esula e esurino.*

A regra geral do emprego de **s** entre vogaes deve-se á circumstancia de ser a nossa orthographia calcada sobre a escripta do latim classico, em cujo alphabeto não existe a letra **z** senão para transcrever um som duplo (**ds**) de certos nomes gregos.

Nenhum motivo ha para deixarem de seguir a regra geral palavras não comprehendidas nos casos acima especificados, e de origem mais ou menos obscura ou cuja pretensa etymologia, embora especiosa, é assaz contestavel; taes como: *brasa, Brasil, liso, alisar, balisa, friso, lisonja, etc.*

Ainda de accordo com a regra geral escrevemos *civilisação* e *civilisar*. Esta pratica, adoptada por Herculano e outros escriptores, se deve estender a todas as palavras em *-isar, -isação*, cuja escripta assim fica uniformisada com *precisar, dividir, avisar, etc.*

OBSERVAÇÃO. — Na orthographia simplificadorá proposta por Gonçalves Vianna escreve-se com **z** *simpatizar, sintetizar, etc.* respeitando a etymologia grega quanto ao suffixo, mas desprezando-a quanto a **y, th, etc.**

## A chiante surda (seguida de vogal)

Em principio, figuramos a chiante surda, quando acompanhada de vogal, por meio de **ch**. Excepcionalmente, em condições especiaes e bem assim em alguns casos para imitar a graphia de outro idioma, escrevemos **x** e não **ch**.

Exemplos do emprego de **ch**: *chapéu, chuva, achar, fechar, chamar, cacho, cachopo, cachimbo, cachorro, chilrar, machucar, chegar, cheirar, chicote, chelpa, China, chinelá, choça, chocalho, colcha, rocha, escalracho, tocha, mecha, nicho, rancho, guincho, caruncho, funcho, etc.*

É de regra iniciar as palavras por **ch** e não **x**. (As excepções, como adiante veremos, são poucas). Se a se-